

A INSTITUIÇÃO RELIGIOSA Marilda Iwaya

De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? Para que viemos? A busca dessas respostas motivou-nos a desenvolver o que podemos chamar de pensamento sagrado, ou seja, nossa imaginação e inteligência, movidas pela curiosidade, levou-nos a criar histórias que nos explicam e aquietam nossas angústias sobre os mistérios acerca da criação de todo o universo, e sobre o destino que nos espera. É claro que a ciência também se encarregou de buscar estas respostas, mas trataremos disto mais a frente.

Segundo Marilena Chauí, filósofa brasileira, o “sagrado opera o encantamento do mundo” (Chauí,1998: 297), ou seja, essa forma de pensamento nos remete a um mundo povoado de seres sobrenaturais com poderes ilimitados que nos observam, nos recompensam, nos castigam, nos auxiliam, etc. Em todas as culturas conhecidas, vamos encontrar sinais do sagrado. Não importa se são seres naturais dotados de poderes sobrenaturais – a água, o fogo, o vento, se animais – o cordeiro, a vaca, a serpente, se seres com forma humana – santos, heróis, ou seres imaginários – anjos, demônios. Em outros casos não há deuses, mas práticas, regras ou rituais com dimensões sagradas. Exemplificando: para alguns povos indígenas o Sol e a Lua são considerados sagrados, para os hindus, a vaca é um animal digno de idolatria, os judeus não cultuam deuses, mas têm seus dogmas, assim como os budistas, que transformam todo o universo em entidade sagrada. Juntamente com o desenvolvimento do pensamento sagrado, são criados os “locais sagrados”, templos, igrejas, sinagogas, terreiros, mes quitas, os céus, que são os lugares estabelecidos para as celebrações, as homenagens, os sacrifícios, enfim são os lugares em que as pessoas se reúnem ou aos quais se dirigem mentalmente, para reafirmarem suas crenças, celebrarem seus rituais. Observe que para algumas religiões, em alguns momentos históricos, esses locais tornam-se verdadeiros símbolos de poder, como as catedrais medievais.

O que são os rituais? Os rituais são atos repetitivos, que rememoram o acontecimento inicial da história sagrada de determinada cultura. É fundamental na celebração do ritual que as palavras e os gestos sejam sempre os mesmos, pois trata-se de uma reafirmação dos laços entre os humanos e os deuses. Quem já presenciou uma cerimônia de casamento da Igreja Católica conhece de antemão as palavras e os gestos que serão ditos e praticados pelo padre e pelos noivos. Trata-se de um ritual de passagem, da vida de solteiro para a vida de casado. Os rituais são realizados para agradecermos graças recebidas, para pedirmos ajuda, para desculpar-nos por atos considerados incorretos, assim como para sermos aceitos numa religião, ou nos despedirmos da vida. Outra importante característica das religiões são os dogmas – verdades irrefutáveis que são mantidas pela fé. Um dogma jamais pode ser questionado, ou colocado em dúvida. Por exemplo: a transformação do vinho e do pão em sangue e corpo de Cristo.

Este conjunto de símbolos sagrados, que inclui o pensamento religioso, somado aos locais e rituais sagrados formará um sistema religioso, ou uma religião. São muitas as definições propostas a este termo. Por tratar-se de um aspecto ao mesmo tempo amplo, multifacetado e que envolve a subjetividade humana, torna-se quase impossível chegar-se a algum consenso. No entanto, escolhemos para este texto uma pequena definição de Peter Berger, sociólogo norte-americano: “a religião é uma obra humana através da qual é construído um cosmo sagrado” (BERGER apud FILORAMI&PRANDI, 1999: p.267).

Em sua definição, Berger contempla tanto o aspecto transcendental quanto o cultural (obra humana). Prosseguindo nesse raciocínio, cabe a explicação etimológica da palavra religião. A partir de um pensamento de Santo Agostinho o qual nos propõe que liguemos nossa alma a um único Deus, temos hoje a associação da palavra religião a “religar”. Ligar o que a quê? Ligar o mundo sobrenatural, sagrado, ao mundo humano, ou profano, fazer-nos crer (e este é um aspecto fundamental da religião: a fé), que nós mortais não estamos sozinhos no universo, que há um sentido para a vida, e que cabe a cada um de nós tentarmos descobrir a que viemos.

Em resumo, consideramos que esta seja uma das formas de compreendermos o pensamento religioso:

A religião como uma forma de alimento às nossas esperanças, como uma força que nos impulsiona em direção a construção daquilo que consideramos justo, ético e ideal. A crença de que em última instância, algo ou alguém irá nos socorrer, que não estamos abandonados à própria sorte, pode nos dar a força necessária para prosseguirmos em nossa aventura pela vida! A religião pode também nos ensinar a conviver com nossos conflitos interiores e aceitarmos o que é inevitável, caso contrário, a vida se tornará inviável. Talvez elevar o pensamento ao Céu possa colocá-lo à altura de nossos desejos. **Mas por que estudar a religião, e suas várias manifestações?** Antes de tudo porque não vivemos isolados no mundo. Estamos em contato contínuo com as mais diversas culturas do planeta! Já há muito tempo a antropologia nos alertou sobre os riscos e os prejuízos que o pensamento etnocêntrico

causaram à humanidade. Quantas culturas arrasadas, quantos povos destruídos e dominados em virtude da ignorância e da arrogância de outros, mais poderosos economicamente. Hoje, é inadmissível termos este tipo de atitude, qual seja, a de olharmos com superioridade para povos com culturas diferentes da nossa, julgarmos como inferiores comportamentos culturais que nos parecem “estranhos” ou exóticos. Conhecer as diferentes religiões que se espalham por nosso país e pelo mundo afora, possibilita-nos abriremos os olhos para o mundo, ou melhor, conhecermos outras dimensões para se compreender e explicar a vida e o universo. Veremos que o mundo é muito maior do que imaginamos e muito mais fascinante depois de conhecermos as histórias que buscam dar significado às nossas existências. **Uma segunda forma de compreensão do pensamento religioso é percebê-lo como instrumento de dominação, de intolerância, e que ao extremo pode chegar ao fanatismo religioso.**

No Brasil, temos hoje o respeito e a tolerância pelas mais diversas religiões. Não somos obrigados a seguir uma única religião, como ocorre em alguns países. Inclusive a Constituição Nacional nos assegura a liberdade de credo e de culto segundo o art.5º, cap.I, inciso VI. Isso significa que, ao nascermos, quase sempre seguimos a religião de nossa família, mas que ao longo da vida podemos escolher uma nova religião, ou mesmo optarmos pelo ateísmo. Essa conquista, no entanto, foi obtida por meio de muita luta e de muita opressão. Relembrando um pouco da história de nosso país, vamos chegar aos povos nativos que aqui habitavam. Estes povos, assim como ocorre em uma parte das sociedades ditas “primitivas”, tinham o pensamento religioso como eixo central de suas vidas, o sagrado permeando todas as relações e explicando todos os acontecimentos da comunidade. Tinham, portanto, seus deuses, seus rituais, que davam significado à sua existência. A chegada dos europeus, povos de tradição católica, na condição de colonizadores, provocou um verdadeiro massacre cultural. Os padres jesuítas, representantes do catolicismo, iniciaram, no Brasil, na primeira metade do século XVI, sua obra de catequização, impondo novos valores e uma visão de mundo aos curumins, que em na da correspondiam à cultura daqueles povos. A visão eurocêntrica fazia-os crer que os indígenas, apesar de estarem situados numa escala inferior de humanidade, se comparados aos europeus, ainda assim poderiam ser cristianizados e salvos com intervenção de um religioso que lhes encaminhasse para a fé. Logo em seguida, com o processo de colonização, povos africanos foram trazidos como escravos e consigo carregam também seus cultos, suas crenças, seus rituais, enfim sistemas religiosos estruturados há muito tempo. No Brasil, essas pessoas foram tratadas como mercadorias, como coisas, e portanto, suas crenças também foram desprezadas, ou pior, proibidas. Mais tarde houve a vinda de outros povos europeus e asiáticos que imigraram em busca de terras e trabalho. Junto com seus sonhos, trazem também suas religiões, as quais buscaram preservar, como forma de manterem-se unidos e mais fortes numa terra tão estranha a seus hábitos culturais.

No entanto, mesmo com todas essa variedade religiosa, as leis brasileiras declaravam o catolicismo como a religião oficial do país. Aliás, a Igreja Católica, no Brasil sempre teve um poder muito grande, não somente em seu âmbito, mas também nas questões políticas nacionais e regionais. Até o advento da República, Estado e Igreja legislavam em conjunto, decidindo os rumos da nação. Ainda no período Vargas (1930 – 1945), vamos encontrar fortes influências dos chamados setores católicos na política nacional. **Mas por que a Igreja Católica possui tanto poder?** A origem deste poderio da Igreja Católica pode ser encontrado no fim do Império Romano do Ocidente, com a legalização do cristianismo no ano 313. A partir daí, o progresso do cristianismo se acelerou, chegando ao seu auge na Idade Média européia. Nesse período da história, a Igreja Católica reinou absoluta, decidindo os destinos dos reinos e dos indivíduos. Todos eram obrigados a professar a mesma religião, e aqueles que não obedecessem seriam duramente castigados.

Foi um tempo de muito terror e mentiras. Qualquer ato ou sinal que contrariasse os rígidos preceitos da Igreja eram considerados heresia ou feitiçaria, motivos para perseguições e castigos. Muitos séculos se passaram, e somente no século XVI, veremos o poder da Igreja Católica ser abalado, com o Movimento da Reforma Religiosa. A Reforma constituiu-se num rompimento da Igreja Católica e teve como consequência religiosa o surgimento de novas igrejas – conhecidas como protestantes (luteranismo, calvinismo). O conflito tem início quando Martinho Lutero (1484–1546), monge alemão rompe com o Papa porque discordava de algumas práticas da Igreja, como a venda de indulgências, de relíquias e cargos.

A partir do Iluminismo, teremos o acirramento do conflito entre ciência e religião. Galileu Galilei (1564–1642) foi obrigado pela Igreja a negar sua teoria (heliocentrismo), caso não desejasse sofrer as penas da Inquisição. O Iluminismo introduziu formas inéditas de ver o mundo, que até então era percebido somente em termos religiosos, e esta nova visão estava associada a uma nova classe social que se insurgia contra o poder aristocrático. Neste período (séc.XVIII), a religião está associada ao poder aristocrático. Portanto, é fácil perceber que a luta contra o pensamento religioso transformou-se numa luta política, contra os representantes deste pensamento conservador. É neste contexto histórico (séc.XIX), que alguns teóricos da Sociologia iniciam seus estudos sobre a religião. Karl Marx (1818 -1883), Émile Durkheim (1858 -1917) e Max Weber(1864 -1920) mais uma vez nos auxiliam nesta tarefa da Sociologia de analisar contextualmente e desnaturalizar as relações sociais. Chegam a conclusões distintas em suas análises e reflexões sobre as funções da religião nas sociedades. No entanto, num aspecto é possível observar a convergência entre os três pensadores: são unânimes em anunciar o previsível fim da religião.

Afirmam que com o desenvolvimento das sociedades industriais, a religião tenderia a perder espaço para outras atividades sociais. Ou seja, a modernização e a industrialização levaria ao que a Sociologia denomina de processo de **secularização**. “A secularização representa o processo por meio do qual a religião perde sua influência sobre as diversas esferas da vida social”. (GIDDENS, 2005, p. 437)

Para Durkheim, a religião teria a função de fortalecer os laços de coesão social, e contribuir para a solidariedade dos membros do grupo. Por isso, as cerimônias e os rituais ganham uma grande importância, uma vez que são estes momentos que possibilitam o encontro dos fiéis e a reafirmação de suas crenças. Durkheim iniciou e baseou suas análises em uma pesquisa realizada com os povos aborígenes australianos, na qual abordava a prática do totemismo. **Um totem é um objeto sagrado, um símbolo do grupo, venerado nas cerimônias ritualísticas. Pode ser uma planta, um animal, ou objeto, que por possuir, em sua origem, um significado especial para o grupo, adquire o caráter de sagrado.** A utilização do termo Totem está restrito às religiões chamadas “elementares” ou simples. Reafirmando, podemos concluir que para Durkheim, a religião possui unicamente a função de conservar e fortalecer a ordem estabelecida. De forma alguma pode ser associada a questões de poder político ou ideológico.

Marx muitas vezes foi citado como um crítico mordaz da religião, devido principalmente à sua famosa frase: “a religião é o ópio do povo” (MARX, 1991: 106). Mas veremos que isto não é bem assim. Marx foi um grande pensador e crítico do sistema capitalista. Suas análises e críticas estão focadas no lucro, na mais-valia, na divisão da sociedade entre burguesia e proletariado, na luta de classes. Portanto, suas principais preocupações estavam focadas nas condições materiais das vidas das pessoas, na concretude do sistema. Para ele, a forma como a sociedade se organiza para produzir os seus bens materiais, ou seja, a forma de organização do trabalho vai exercer forte influência sobre a forma como as pessoas pensam. Este **pensar** é representado pelo conjunto de valores e conhecimentos impostos pelo Estado e pela religião. Em seu texto “A questão judaica”, escrito em 1844, Marx discute a respeito do papel desempenhado por estas instituições no sentido de controlarem e modelarem o pensamento social.

Para Marx, a sociedade civil só terá condições de alcançar a liberdade, ou a “emancipação humana” quando tiver condições de participar efetivamente das decisões políticas do Estado, e por conseguinte alcançar a verdadeira democracia. Mas atenção! Entenda-se democracia não somente em sentido político/eleitoral, como nos ensinaram os liberais do século XVIII, mas sim em seu sentido pleno, **como igualdade na distribuição dos bens socialmente produzidos e materializados na forma de direitos sociais.**

Por esse motivo, podemos afirmar que para Marx, a grande transformação deveria acontecer no modo da sociedade produzir e distribuir seus bens, assim como na presença de um Estado que atendesse aos interesses coletivos, pois uma vez construída uma sociedade justa e igualitária, não haveria mais necessidade das pessoas sonharem com um mundo ideal, ou um paraíso. “Ópio do povo” significa que o povo projeta em seus deuses e no mundo sobrenatural a vida que deseja ter aqui na Terra. Esta forma de pensar leva à resignação, a aceitação das condições de nossa vida como um destino que não pode ser modificado. Mas Marx demonstra grande compreensão pela manifestações religiosas quando afirma: “a religião é o coração de um mundo sem coração” (MARX, 1991:106), ou seja, a religião é o único refúgio, o único consolo para aqueles a quem a vida é muito dura e ingrata.

Essa é mais uma forma de compreendermos a religião. Que nos leva à acomodação, à submissão, à aceitação de nosso lugar na sociedade sem questionamentos como nos sugere o ensinamento “é mais fácil um camelo passar num buraco da agulha que um rico entrar no reino dos céus”.

Weber foi um grande estudioso da religião. Empreendeu análises comparativas entre as religiões orientais e ocidentais, com o objetivo de compreender as razões do desenvolvimento do capitalismo na Europa. Concluiu que o mundo oriental não oferecia condições para este tipo de organização econômica devido aos seus sistemas religiosos (que veremos adiante), os quais pregavam valores de harmonia com o mundo, de passividade em relação às condições de existência, ao contrário das religiões cristãs que incentivavam o trabalho e a prosperidade. Em sua obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, Weber desenvolve um interessante estudo em que demonstra o quanto os protestantes (em especial os calvinistas) contribuíram para o desenvolvimento do capitalismo. Esses possuíam um forte espírito empreendedor baseado na crença de que com o trabalho estariam servindo a Deus. O enriquecimento e o sucesso material eram sinais de favorecimento divino. **Esses são, portanto, três possíveis olhares sociológicos sobre a instituição religiosa.**

Como já comentamos anteriormente, saber da existência e conhecer outras religiões, além de ampliar nosso universo cultural e nos ensinar a respeitar a diversidade cultural, leva-nos principalmente a compreender melhor nossa própria religião. Sim, porque só nos percebemos como construtores de cultura na medida em que conhecemos a cultura do outro. Quando só conheço o meu mundo este se torna “natural”, ou o único possível!

Importa ressaltar, antes de conhecermos o quadro das religiões, a existência de uma postura filosófica denominada **Ateísmo**. Surge na antigüidade greco-romana e ganha maior espaço à partir do século XVIII, com o surgimento das teorias anarquistas, liberais e socialistas. **Consiste na total ausência de explicação divina para a vida.**

RELIGIÕES ORIGINÁRIAS DO EXTREMO-ORIENTE

Hinduísmo

São surpreendentes a permanência no tempo e a complexidade desta religião, que perdura há aproximadamente 6 mil anos, e compõe-se de tão grande variedade de cultos e práticas religiosas, que pode ser considerada como um grande conjunto formado por várias pequenas religiões. Mas algumas características unem todos os hinduístas, quais sejam: o sistema de castas, a adoração às vacas e a crença no carma. A organização da sociedade em castas parte do princípio de que os indivíduos vêm ao mundo já ocupando um lugar na hierarquia social, como resultado de suas encarnações nas vidas passadas. Portanto, este deve cumprir com resignação a função que lhe coube, porque um viver com pureza pode resultar como “prêmio”, uma vida futura numa casta superior. As quatro castas do hinduísmo são: 1º. – os sacerdotes (brâmanes), 2º. – guerreiros, 3º. – agricultores, comerciantes e artesãos e 4º. – os servos. Um quinto grupo que não é considerado casta são os párias. Cada casta tem suas próprias regras de condutas e suas próprias regras religiosas. A vaca é considerado um animal sagrado, um símbolo da vida, porque ela supre tudo que é necessário à sobrevivência humana, portanto, não é permitido matá-la.

Budismo – criado na Índia, pelo príncipe Sidarta Gautama

O Buda (o iluminado), por volta do séc. VI a.C.. Este é tratado pelos adeptos do budismo como um guia espiritual, e não um deus. Importa ressaltar que Buda era absolutamente contra o sistema de castas existente na Índia. Segundo o budismo, o ser humano está condenado à reencarnação após cada morte, e a enfrentar novamente os sofrimentos do mundo (lei do carma). Para encerrar este constante ciclo, deve-se buscar o estado da perfeita iluminação, ou nirvana. Este estado é alcançado por intermédio da meditação e da contemplação, que corresponde à negação dos desejos – fonte de todos os sofrimentos.

RELIGIÕES DE ORIGEM AFRICANA

Citaremos aqui somente as principais religiões afro-brasileiras presentes hoje no Brasil, não esquecendo de que, na África, encontraremos uma grande variedade de religiões – as religiões tradicionais ou tribais.

Candomblé

Originário da África, o candomblé chegou ao Brasil junto com os primeiros escravos africanos, entre os séc. XVI e XVII. Seus deuses são chamados de Orixás e representam as principais nações africanas de língua iorubá. Suas cerimônias são realizadas em língua africana, acompanhadas de cantos e sons de atabaques. Como esta forma de religião era proibida no Brasil, seus adeptos associaram seus deuses a santos católicos, criando o que se conhece como sincretismo religioso. Os deuses do candomblé dão proteção às pessoas, mas não determinam como essas devem agir, e não castigam caso essas cometam algo considerado incorreto para a sociedade.

Umbanda

É uma religião brasileira, resultado da fusão de duas religiões africanas: a cabula e o candomblé, e de crenças européias. O universo para os umbandistas é habitado por entidades espirituais – os guias, que entram em comunicação com as pessoas por intermédio dos iniciados, ou médiuns. Os guias assumem formas como o caboclo, a pomba-gira, o preto velho e outros. A umbanda se propagou por todas as regiões do Brasil, e é freqüentada por pessoas de todas as classes sociais e todas as origens étnicas.

RELIGIÕES ORIGINÁRIAS DO ORIENTE-MÉDIO

As religiões comentadas abaixo adotam a prática do monoteísmo, ou seja, o culto a um único Deus.

Judaísmo

É a mais antiga das três grandes religiões monoteístas, sendo suas origens encontradas há aproximadamente 1.000 anos a.C. A palavra judeu deriva de Judéia, parte de uma região do antigo reino de Israel. Os judeus crêem num único Deus, onipotente, o qual estabeleceu com eles um pacto, uma aliança. Por isso, consideram-se “o povo escolhido por Deus”. O livro sagrado dos judeus é a Bíblia judaica, ou Torá, que corresponde ao Antigo Testamento dos cristãos, porém organizada de uma forma um pouco diferente. A vida dos judeus é regida por normas rígidas estabelecidas por Deus. O não-cumprimento dos deveres com Deus e com seus semelhantes implicará em castigos divinos.

Cristianismo

Tem origem no séc.I, na região ocupada hoje pelos atuais Estados de Israel e territórios palestinos. Seus primeiros adeptos são os seguidores de Jesus Cristo e de seus apóstolos. A doutrina cristã nos ensina que Deus envia à Terra, seu filho Cristo – o salvador, o qual foi morto a favor dos homens que estavam distanciado-se de Deus. Na sua ressurreição Jesus oferece às pessoas a possibilidade de salvação eterna após a morte, caso essas aceitem seguir seus preceitos de amor a Deus e aos seus semelhantes. O cristianismo segue a Bíblia, que se divide em Antigo e Novo Testamento. Algumas vertentes do cristianismo são apresentados a seguir:

Igreja Católica Romana; Igreja Ortodoxa; Igreja Anglicana; Igreja Luterana; Igreja Presbiteriana; Igreja Metodista; Igreja Batista; Igreja Pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembléia de Deus, Evangelho Quadrangular, Deus é Amor); **Igrejas Neopentecostais** (Igreja Universal do Reino de Deus, entre outras); **Cristianismo de fronteira** (Mórmons, Adventistas, Testemunhas de Jeová)

Islamismo

Sua origem baseia-se nos ensinamentos do profeta Maomé, assim como ocorre com o cristianismo. A palavra **islã** significa submeter-se. Seu deus é chamado **Alá**, e seus seguidores são conhecidos como **muçulmanos** (em árabe Muslim, aquele que se subordina a Deus). O livro sagrado do islamismo é o **Alcorão**, sendo seus principais ensinamentos: onipotência de Deus e a necessidade de bondade, generosidade e justiça entre as pessoas. A maioria dos muçulmanos está concentrada no norte e no leste da África, no Oriente Médio e no Paquistão. Após elencarmos todo este numeroso rol de religiões e suas subdivisões em igrejas, que aliás não termina aqui, se você pesquisar, certamente encontrará outras ramificações destas religiões ou seitas isoladas e provavelmente você ficará surpreso com a quantidade e a diversidade de manifestações religiosas existentes no mundo. Este quadro constitui-se no que se chama de **pluralismo religioso**, e certamente nos coloca importantes questões sociológicas, que não poderão ser aprofundadas neste momento, mas sobre as quais vale a pena pensar: A lógica do mercado que nas últimas décadas do século XX invadiu todas as esferas da vida humana nas sociedades capitalistas não poupou as religiões. Por isso, temos que estar atentos aos “espertalhões”, que se aproveitam dos sofrimentos e falta de perspectivas das pessoas para vender sua “mercadoria” e ganhar adeptos que favorecerão seus “negócios”.

O desenvolvimento industrial levaria a uma perda da influência das religiões, diziam os teóricos do séc. XIX. A ciência avançou vertiginosamente no último século, e as religiões, por sua vez, ganharam uma abrangência e diversidade nunca antes conhecidas. É importante observar o papel dos meios de comunicação na difusão de mensagens religiosas, que chegam prontas em nossas casas.

Fonte: Sociologia. vários autores. – Curitiba: SEED-PR, 2006.

Após a leitura do texto, escolha uma das religiões citadas e faça uma pesquisa sobre as principais características e rituais praticados.

Organize o resultado em um ppt e poste no grupo do facebook.